

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**CAROLINE CAPELLINI SOUZA**

**ESTUDO PROSOPOGRÁFICO:  
AS MULHERES NA DOCÊNCIA DO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE  
DE CAXIAS DO SUL**

**CAXIAS DO SUL**

**2019**

**CAROLINE CAPELLINI SOUZA**

**ESTUDO PROSOPOGRÁFICO:  
AS MULHERES NA DOCÊNCIA DO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE  
DE CAXIAS DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso II,  
apresentado como requisito parcial para  
a obtenção do título de Licenciada em  
História, na Universidade de Caxias do  
Sul, na Área de Humanidades.

Orientadora: Prof. Dra. Eliana Gasparini  
Xerri.

**CAXIAS DO SUL**

**2019**

**CAROLINE CAPELLINI SOUZA**

**ESTUDO PROSOPOGRÁFICO:  
AS MULHERES NA DOCÊNCIA DO CURSO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE  
DE CAXIAS DO SUL**

Trabalho de Conclusão de Curso II,  
apresentado como requisito parcial para  
a obtenção do título de Licenciada em  
História, na Universidade de Caxias do  
Sul, na Área de Humanidades.

**Aprovada em:** \_\_/\_\_/\_\_

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dra. Eliana Gasparini Xerri (orientadora)  
Universidade de Caxias do Sul UCS

---

Prof. Dra. Eliane Machado Correa Cardoso  
Universidade de Caxias do Sul UCS

## **AGRADECIMENTOS**

Meu primeiro agradecimento é para o Programa Universidade para Todos, pois, sem a bolsa de estudos, eu não teria chegado até aqui, muito menos escrito este trabalho.

Quero também agradecer aos professores e às professoras incríveis que foram essenciais na minha constituição e formação pessoal, em especial à Eliana Gasparini Xerri, que aceitou me orientar neste trabalho, foi sempre muito compreensiva e me instruiu da melhor maneira possível. Meu agradecimento especial também às professoras Eliana Rela, Katani Maria Monteiro Ruffato e Luiza Horn Iotti, que se disponibilizaram a participar deste trabalho, compartilhando comigo suas memórias e histórias pessoais. Agradeço ainda à professora Eliane Cardoso, que, além de aceitar fazer parte da banca avaliadora, acreditou em mim quando eu não acreditava muito e me inspirou a estudar História.

Quero também agradecer ao Fellipe Corá, sem seus carinhos, suas habilidades de transcrição de áudio e todo o amor e apoio, esse trabalho não seria possível.

Por fim, um agradecimento à minha mãe, Aneli Fátima Souza, e ao meu pai, Silvio da Silva Souza, que acreditaram em mim e me deram todo suporte, apoio e colo que precisei, especialmente, durante a graduação.

## RESUMO

A pesquisa por meio da história oral pressupõe uma análise das memórias e das narrativas do sujeito sobre si. Para a elaboração do presente trabalho, foram consideradas as metodologias de pesquisa da história oral e a prosopografia (método de análise social a partir de questões que ligam determinados sujeitos históricos de um universo em comum). Sendo assim, o objeto de pesquisa neste trabalho são as narrativas de três professoras do curso de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS). São relatos sobre suas vivências em comum como estudantes do curso de História da UCS, em um período relativamente próximo, sobre a constituição como docentes e sobre o retorno à Universidade como professoras e colegas. A escolha por abordar a trajetória de três mulheres é, sobretudo, um recorte de gênero, priorizando dar espaço às mulheres falarem sobre suas vivências enquanto estudantes do nível superior e, depois, como professoras. Além disso, busca-se analisar a formação acadêmica e profissional dessas mulheres no contexto de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul e durante o período da Ditadura Civil Militar.

**Palavras-chave:** Ensino Superior. Gênero. História Oral. Professoras. Prosopografia.

## **ABSTRACT**

The research through oral history presupposes an analysis of memories and narratives about one's self. For the elaboration of this research, the inquiry methodologies of oral history and prosopography — a method of social analysis of matters that link determined historical subjects in a common universe — were considered. Therefore, the objects of inquiry in this work are the narratives of three professors of the History course at the University of Caxias do Sul (UCS) about their experiences as History students at UCS, in a relatively close period of time, their stories about the teaching formation, and their return to the university as professors and colleagues. The choice for approaching three women's trajectories is, above all, a gender clipping, that prioritizes giving women space to talk about their experiences as higher education students and after as professors, and moreover, an analysis of these women's academic and professional formation in the context of a city from the interior of Rio Grande do Sul during the civil-military dictatorship period.

**Keywords:** Higher Education. Gender. Oral History. Professors. Prosopography.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Dados pessoais .....	20
Quadro 2 – Motivações para estudar História .....	21
Quadro 3 – Influências externas e contexto histórico.....	24
Quadro 4 – Formação .....	26
Quadro 5 – Motivação para continuar estudando na área da História .....	27
Quadro 6 – Profissão professora.....	29
Quadro 7 – Informações profissionais.....	31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 DIÁLOGOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....</b>	<b>11</b>
<b>3 MULHERES: ESTUDANTES, PROFESSORAS E HISTORIADORAS NA UCS .....</b>	<b>19</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO A – QUESTIONÁRIO ESCRITO.....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXO B – QUESTÕES NORTEADORAS PARA AS ENTREVISTAS PRESENCIAIS .....</b>	<b>39</b>
<b>ANEXO C – TERMOS DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E VOZ ASSINADOS.....</b>	<b>40</b>



## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa histórica objetiva, em linhas gerais, aprofundar reflexões sobre determinados espaços e tempos. Tendo em vista as transformações da ciência histórica ao longo do tempo, podemos hoje entender diversos recursos como fonte histórica, assim, tudo é possível de ser historicizado.

Durante a graduação, estive interessada na história das mulheres. As mulheres na Grécia Antiga, as mulheres na Idade Média, as mulheres que não assinavam obras de arte durante o Renascimento, as mulheres que saíram de suas casas para lutar por equidade de gênero, as mulheres que não estão em cargos de “prestígio”, ou estiveram e foram covardemente destituídas, como a Ex-Presidenta Dilma Rousseff, em 2016, no Brasil.

Desde cedo, interessei-me em compreender por que essas mulheres tomaram determinadas atitudes e não outras, também por uma questão de identificação: sou mulher e preciso saber o que aconteceu conosco no decorrer da história, para fazer a minha parte, a fim de que tenhamos um futuro mais igualitário.

No momento da escolha temática do trabalho de conclusão, procurei voltar-me aos temas que estivessem relacionados às mulheres no contexto brasileiro. Por essa razão, defini como objeto de estudo a constituição de professoras do curso de História da Universidade de Caxias do Sul, a sua formação e atuação profissional.

A escolha por refletir sobre professoras mulheres prevê um recorte baseado no gênero, em vista disso, para dar significado a esta pesquisa, selecionei três mulheres que lecionam atualmente no curso de História, são elas: Eliana Rela, Katani Maria Monteiro Ruffato e Luiza Horn Iotti.

O interesse em pesquisar sobre professoras de História está relacionado ao fato de eu estar concluindo a graduação de Licenciatura em História. Sendo mulher e quase professora, entendo que é de extrema importância o espaço para que nós, mulheres, possamos protagonizar os estudos históricos, os quais foram, por muito tempo, ocupados predominantemente por homens.

Os estudos prosopográficos, de modo geral, tratam de grupos de homens, brancos e elites políticas, evidenciando ainda mais a necessidade de romper com esse paradigma e abrindo espaço para o estudo das mulheres e professoras.

Considerando isso, um dos principais conceitos que estará presente na análise é o de gênero. Entende-se por gênero uma categoria de análise histórica, como explica Scott (1989), trata-se de perceber diferenciações entre os sexos, mas, para além disso, compreender a construção social dessas diferenças.

No ensino superior, a área de atuação das professoras, a remuneração é mais alta do que no ensino básico, contudo, constata-se que há menor presença feminina nesse campo de atuação. Tendo em vista os dados do Censo da Educação Superior de 2017, as mulheres representam 45,5% da categoria docente, já no nível básico, representam 80%, de acordo com o Censo da Educação Básica de 2016. Com isso, por exemplo, pode-se verificar uma das principais problemáticas vinculadas à questão de gênero, a desigualdade salarial. Paulo Freire, em análise sobre a profissão de professora, explica:

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa militância, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser tia é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é tia por profissão (FREIRE, 1997, p.9).

Considerando essa definição, ser professora é algo que envolve formação, militância e profissionalismo. Como objeto desta pesquisa, o grupo de professoras possibilitou, a partir dos seus relatos, verificar as relações entre elementos que constituem a profissão. Além disso, foi possível compreender as suas próprias concepções sobre a profissão enquanto estudantes e, depois, enquanto professoras no curso de História da UCS.

Por meio do estudo prosopográfico aliado à história oral, as questões acima levantadas, uma vez que foram realizadas entrevistas individuais, considerando as trajetórias de cada uma das mulheres, foram analisadas em conjunto, para chegar às conclusões coletivas sobre a formação e atuação profissional.

Também, o presente estudo comporta a metodologia da análise de conteúdo como ferramenta utilizada para referendar a fala das entrevistadas e proporcionar análise dos resultados obtidos, com o intuito de identificar concordâncias e discordâncias entre os relatos para compor o escopo deste estudo.

A questão norteadora para a elaboração deste estudo é compreender quais são as características comuns na formação e constituição das professoras escolhidas, bem como quais são os elementos que distinguem sua formação e atuação docente, considerando o espaço em comum e o tempo simultâneo.

O objetivo geral é analisar os processos constitutivos das três professoras, desde a formação no curso de Licenciatura em História na Universidade de Caxias do Sul até sua profissionalização e atuação docente na mesma Instituição e no mesmo curso.

Para a análise desses processos, considerei como fonte histórica<sup>1</sup> o resultado das entrevistas orais realizadas com as três professoras em momentos distintos e fontes escritas, as respostas enviadas pelas entrevistadas e documentos disponíveis na rede de computadores, acompanhados de revisão bibliográfica e aparatos teóricos metodológicos.

---

<sup>1</sup> O entendimento de fonte histórica para essa pesquisa se dá a partir das concepções e ideias provenientes da metodologia da História Oral. Para elucidar, faço uso de um trecho do verbete “fontes históricas” do Dicionário de Conceitos Históricos, organizado por Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva, publicado em 2005: “uma emergente metodologia histórica, a História Oral, trouxe ideias inovadoras para a noção de fonte histórica, principalmente por criar seus próprios documentos: as entrevistas. O registro oral é o documento construído pelo pesquisador, tomando como base a memória do entrevistado. Visto que essas fontes, mais visivelmente do que ocorre em outras metodologias históricas, são contemporâneas do pesquisador, elas são intensamente influenciadas pelos dilemas do historiador, tanto como indivíduo quanto como membro de determinado grupo social” (p.159).

## 2 DIÁLOGOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Componente da pesquisa qualitativa, a revisão da literatura constitui importante processo para compor os métodos descritos. Um caminho científico que permitisse considerar diferentes sujeitos históricos dentro de um mesmo universo, até então me era desconhecido, foi quando me deparei com o método prosopográfico.

Tendo o método da prosopografia definido como estrutura deste trabalho, optei também pelo uso da história oral, para compor os relatos individuais dentro do universo da prosopografia. A escolha por realizar as entrevistas de maneira individual e livre para cada uma se expressar e narrar como desejasse sua trajetória pessoal e profissional, principalmente, faz parte do conjunto de técnicas e estratégias para elaboração de pesquisa a partir da história oral.

Por fim, depois dos processos de transcrição e análise individual das entrevistas, a metodologia de análise de conteúdo permitiu criar quadros comparativos e traçar visualmente o universo em comum entre as professoras entrevistadas, considerando excertos das entrevistas, para a interpretação final.

Cabe aqui aprofundar novamente a reflexão sobre a questão de gênero, visto que é o referencial predominante para a presente pesquisa. Como apresenta Scott (1989), em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, até a década de 1980, os estudos utilizavam o gênero apenas como instrumento descritivo, ou seja, para “olhar” para determinadas questões, como a distinção binária entre os sexos e a divisão sexual dos papéis sociais, entretanto, não chegavam a fazer uma análise crítica dessas estruturas teóricas. Nesse sentido, afirma:

(...) algumas dessas teorias construíram a sua lógica sob analogias com a oposição masculino/feminino, outras reconheceram uma “questão feminina”, outras ainda preocuparam-se com a formação da identidade sexual subjetiva, mas o gênero, como o meio de falar de sistemas de relações sociais ou entre os sexos não tinha aparecido. Esta falta poderia explicar em parte a dificuldade que as feministas contemporâneas têm tido de integrar o termo gênero em conjuntos teóricos pré-existentes e em convencer os adeptos de uma ou de outra escola teórica que o gênero faz parte do seu vocabulário. (SCOTT, 1989, p. 19).

O interesse em transformar gênero em uma categoria de análise apareceu somente no final do século XX. A autora explica que

o termo gênero faz parte das tentativas levadas pelas feministas contemporâneas para reivindicar certo campo de definição, para insistir sobre o caráter inadequado das teorias existentes em explicar desigualdades persistentes entre mulheres e homens. (SCOTT, p. 19, 1989).

A autora conclui que a definição de gênero é pautada primeiramente nas relações de poder e nas representações simbólicas e hierarquizadas sobre feminino e masculino, homens e mulheres. Assim, percebe-se as diferenças entre os corpos sexuados, mas para além disso, há o questionamento sobre como são construídas socialmente essas diferenciações.

As questões de gênero não se findam, uma vez que o gênero continua presente na sociedade, há ainda muito caminho para trilhar apesar de tantos avanços em relação às mulheres. Se aprofundarmos ainda mais o assunto, observaremos que há outros tantos caminhos para mulheres negras e para LGBTs trilharem, essas questões não se esgotam por si mesmas.

Visto que gênero é uma das categorias escolhidas para o estudo, o método de prosopografia é empregado, pois, conforme sugerido por Stone (2011), significa “a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas”, logo, as três professoras são aqui analisadas a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da prosopografia. Para o autor, o objetivo central desse método é

estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes — a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiências em cargos e assim por diante. (STONE, 2011, p. 116).

Logo, o gênero, o local de formação e profissão são as características primárias comuns ao grupo investigado. Com essas informações coletadas, as mesmas foram analisadas em conjunto, na busca pelas variáveis significativas e características que puderam ser examinadas individual e coletivamente.

Cabe aqui esclarecer que a prosopografia geralmente é utilizada em duas principais situações: de modo geral em História Política, através da análise de grupos e partidos, determinadas elites políticas, para a contextualização histórica

dos indivíduos que atuam nessa esfera social; e, na História Social, como instrumento de análise sobre papéis executados na sociedade, rupturas e permanências em determinados grupos sociais, análise de questões referentes a classes econômicas, posição social, gênero e outros. Conforme afirma Stone (2011):

Aos olhos de seus expoentes, o propósito da prosopografia é de dar sentido à ação política, ajudar a explicar a mudança ideológica ou cultural, identificar a realidade social e descrever e analisar com precisão a estrutura da sociedade e o grau e a natureza dos movimentos em seu interior. (STONE, 2011, p. 116).

Para tanto, é importante considerar aqui que existem, basicamente, duas escolas teóricas para o desenvolvimento do método prosopográfico: a escola elitista, que não possui bases sociológicas ou psicológicas, tem estudos detalhados de pequenos grupos normalmente de alguma elite de poder sobre relações de unidade estática e justificativas internas incompreensíveis para o meio externo; e a escola de massas, que possui base na ciência social e é pautada por justificativas externas para ações internas.

Ainda na bibliografia afeita à prosopografia, Monteiro (2014) questiona se prosopografia é de fato uma técnica de pesquisa histórica ou método histórico de análise. Enquanto Stone (2011) inicia seu artigo como técnica e acaba-o como um método, Monteiro (2014) argumenta:

O estudo coletivo das biografias, nesse sentido, necessita associar-se a outras técnicas de pesquisa, dependendo do objetivo de investigação levantado pelo historiador. Assim, a análise de biografias coletivas seria a primeira etapa, uma abordagem inicial, para desvendar distintos fenômenos de investigação histórica. (MONTEIRO, 2014, p. 14).

Assim, a importância da prosopografia também se insere na possibilidade de outras abordagens das ciências sociais e humanas, bem como estabelece relações interdisciplinares, pois, conforme a autora:

Adotando uma abordagem interdisciplinar e relacionando os dados obtidos com o método prosopográfico à explicação e à interpretação da estrutura social em distintos períodos históricos, estes estudos distanciaram-se da prosopografia proposta por Stone. (MONTEIRO, 2014, p. 17).

Nesse sentido, ela afirma que a prosopografia diferentemente do que foi proposto por Stone, atualmente é composta por três etapas: amostra de biografias, questionários, análise e comparação dos dados, buscando características e inferências sobre as relações sociais e políticas no determinado grupo.

Também, discute sobre a prosopografia Almeida (2011) ao afirmar que

a prosopografia constitui um recurso para apreensão do papel histórico desempenhado por determinadas coletividades e permite revelar características comuns de determinado grupo social em dado período histórico, permitindo observar os grupos sociais em suas dinâmicas internas e em seus relacionamentos com outros grupos e com o espaço de poder e portanto auxilia na compreensão de redes e configurações. (ALMEIDA, 2011, p. 1).

A autora ainda sugere que

o que é novo seria intensidade e o entendimento metodológico com os quais a prosopografia hoje é exercida na pesquisa histórica, mas não é só isso, mudaram-se as expectativas e os objetivos ligados à prosopografia como método aplicado à pesquisa histórica, bem como seus objetos. (ALMEIDA, 2011, p. 4).

Pautada pelo princípio prosopográfico e tendo ciência de que é um campo promissor ao estudo e aos historiadores, opto por fazer uso do conjunto de estratégias compreendidas pelas três fases expostas. Sendo assim, a oralidade foi determinante no processo desta pesquisa.

Cabe agora algumas reflexões sobre a História Oral, que fundamenta as fontes aqui analisadas. Sob o título *História Oral: memória, tempo e identidades*, Delgado (2016) escreve sobre o procedimento de pesquisa ancorada em reflexões sobre a oralidade em diversos processos históricos, bem como sobre a própria construção social dos conceitos de tempo, história e oralidade. O conceito de História Oral está intrinsecamente ligado ao contexto social, espacial, aos outros diversos relatos e escritos sobre um mesmo processo, ou seja, para produção do conhecimento histórico, além do uso da história oral, é preciso compreender o entorno e, com isso, delimitar qual sujeito será porta voz desses processos, quais serão as narrativas induzidas e estimuladas que abrirão espaço para as memórias falarem.

Delgado (2016) salienta que é importante também uma metodologia de pesquisa qualitativa, para, na contramão das generalizações históricas, justamente levar em consideração as subjetividades das histórias e memórias pessoais e individuais sobre vivências de contextos coletivos. A riqueza de subjetividade não deve ser vista como um empecilho para a construção do conhecimento histórico, mas, sim, como um desafio de conectar um emaranhado de sentimentos e pensamentos de sujeitos comuns à História, desenvolvendo uma identidade de sujeito histórico a partir dessas memórias<sup>2</sup>.

Por conseguinte, as memórias apresentadas pelas professoras são aqui instrumentos que constituem suas trajetórias pessoais e coletivas. Nesse sentido, Abrahão (2004), organizadora do livro *História e Histórias de Vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense*, apresentou as Histórias de Vida como objeto de estudo das análises de professores e professoras significativos para a história da educação do Rio Grande do Sul. A análise teórico-metodológica das Histórias de Vida parte do princípio de que a pessoa, além de objeto de estudo, é uma fonte histórica. A sua trajetória, sua fala, seus materiais, seus pertences são fontes que podem ser analisados historicamente. Ainda, para Abrahão (2004), a História de Vida é um meio para compreender a história da educação do Rio Grande do Sul e, ao mesmo tempo, a história da educação é importante para a compreensão das Histórias de Vida no contexto social do estado.

Para compreender os aspectos em comum e as particularidades do grupo aqui analisado, utilizei Alberti (2018), a fim de compor a pesquisa pelo viés da História Oral. Alberti apresentou, em seu artigo “O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado”, uma reflexão teórica sobre a serventia dos estudos baseados nos procedimentos da história oral. A autora sugeriu que a história oral proporciona uma espécie de via de mão dupla: de um lado, as pesquisas com história oral apresentam o passado a partir dos relatos de

---

<sup>2</sup> Aqui, entende-se memória no seu sentido histórico e não biológico, conforme Le Goff (1990) “Fenômeno individual e psicológico, a memória liga-se também à vida social. Esta varia em função da presença ou da ausência da escrita e é objeto da atenção do Estado que, para conservar os traços de qualquer acontecimento do passado (passado/presente), produz diversos tipos de documento/monumento, faz escrever a história, acumular objetos. A apreensão da memória depende deste modo do ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos que falam do passado, em suma, de certo modo de apropriação do tempo.” (LE GOFF, 1990, p.484).



ações passadas, ou seja, memórias sobre determinados acontecimentos; de outro, também nessas pesquisas, encontra-se um resíduo de ação, isto é, o fato do pesquisador desenvolver questionamentos e reflexões que, de certo modo, já demonstram um relato dele próprio sobre esse passado.

Com isso, Alberti desenvolve suas reflexões sobre a noção de enquadramento da memória, que justifica que as pesquisas baseadas na história oral pretendam dar luz a uma determinada versão, até então obscura, sobre algum acontecimento histórico. Nesse caso, faz-se necessário compreender aqui a memória como também um espaço de disputa e, com isso, reconhecer as diversas formas em que esta aparece, oficial ou dominante, por exemplo. Não levando o objeto de estudo a generalizações e ao esgotamento da pesquisa, e sim como soma à compreensão das várias memórias analisadas.

Ainda, a mesma autora, em artigo intitulado “Histórias dentro da História”, explica sobre a relevância da pesquisa em história oral:

(...) Uma das principais riquezas da história oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas. Essa noção é particularmente desenvolvida em textos alemães, em que recebe o nome “História de Experiência (Erfahrungsgeschichte) e aparece em combinação com a ideia de mudança de perspectiva (Perspektivenwechsel). Em linhas gerais, essa combinação significa o seguinte: entender como pessoas e grupos experimentam o passado torna possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas. (ALBERTI, 2018, p. 165).

Ao considerar as possibilidades advindas da história oral, cujo processo ocorre a partir de entrevistas, é necessário lembrar a importância da escuta e da fala, como Alberti descreve: “a entrevista em história oral é antes de mais nada, uma relação entre pessoas diferentes, com experiências diferentes e muitas vezes de gerações diferentes” (2018, p. 178). Nesse sentido, entrevistador e entrevistado precisam estar dispostos a compreender o outro para que, das entrevistas, consiga-se extrair informações de qualidade.

Para a análise dessas entrevistas como documentos e fontes históricas, Alberti (2018) afirma:

É preciso ‘ouvir’ o que a entrevista tem a dizer tanto no que diz respeito às condições de sua produção quanto no que diz respeito à narrativa do entrevistado: o que nos revela sua visão dos acontecimentos e de sua

própria história de vida acerca do tema, de sua geração, de seu grupo, das formas possíveis de conceber o mundo, etc. Tomar a entrevista como um todo, significa ouvi-la ou lê-la do início ao fim, observando como as partes se relacionam com o todo e como essa relação vai constituindo significados sobre o passado e o presente e sobre a própria entrevista. E atentar também para relatos, interpretações e pontos de vista 'desviantes', isto é, que não se encaixam nos significados produzidos. (ALBERTI, 2018, p. 185).

Através das observações feitas por Alberti (2018), associadas às características comuns ao estudo prosopográfico, o local de formação e de profissionalização das professoras é a UCS, abordada por Xerri (2018), ao apresentar características da formação da Instituição e, conseqüentemente, do curso de História. Podemos concluir aqui como sendo esse recorte espacial, o pano de fundo para esta pesquisa.

Criada em 1967, a Universidade Caxias do Sul, por meio da união das Escola de Belas Artes de Caxias do Sul, da Prefeitura Municipal da mesma cidade; da Escola de Enfermagem Madre Justina Inês, da Sociedade Caritativo Literária São José; a Faculdade de Ciências Econômicas e a Faculdade de Filosofia de Caxias do Sul, da Mitra Diocesana da mesma cidade; e a Faculdade de Direito, da Sociedade Hospitalar Nossa Senhora de Fátima. A Universidade é uma Instituição Comunitária de Educação Superior, que na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, com unidades em diversas cidades da região.

O curso de Licenciatura em História surgiu no ano de 1960, compondo a lista de cursos da Faculdade de Filosofia da Mitra Diocesana de Caxias do Sul. Atualmente, é ofertado à noite, na modalidade presencial no *campus* de Caxias do Sul, sendo possível também ser cursado à distância, no Programa de Segunda Licenciatura, criado em 2019.

Dessa forma, gênero, história oral e prosopografia constituem o *corpus* do estudo, sendo que utilizo, como ferramenta, a análise de conteúdo por considerar um instrumento eficiente para o entendimento na transcrição das entrevistas realizadas, portanto, o objeto para a análise de conteúdo é a própria escrita dos relatos.

Segundo Bauer (2007), análise de conteúdo é:

uma técnica para produzir inferências de um texto focal para o seu contexto social de maneira objetivada. Este contexto pode ser temporariamente, ou em princípio inacessível ao pesquisador. A AC (análise de conteúdo) muitas vezes implica em um tratamento estatístico

das unidades de texto. Maneira objetivada, refere-se aos procedimentos sistemáticos, metodicamente explícitos e replicáveis: não sugere uma leitura válida singular dos textos. Pelo contrário, a codificação irreversível de um texto o transforma, a fim de criar nova informação desse texto. (BAUER, 2007, p. 191).

Outro resultado possível, a partir da análise de conteúdo, é a reconstrução de ideias pelo mapeamento do conhecimento oriundo do conteúdo escrito. Como a mesma autora apresenta:

a AC pode reconstruir “mapas de conhecimento” à medida que eles estão corporificados em textos. As pessoas usam a linguagem para representar o mundo como conhecimento e autoconhecimento. Para reconstruir esse conhecimento, a AC pode necessitar ir além da classificação das unidades do texto, e orientar-se na direção da construção de redes de unidades de análise para representar o conhecimento não apenas por elementos, mas também em suas relações. (BAUER, 2007, p. 194).

Considerando que, nos relatos, aparecem noções de tempo, percepções sobre si mesmas e memórias diferentes, por meio da análise de conteúdo, é possível verificar recorrência de informações, bem como inferir aspectos em comum e divergentes.

Nesse sentido, Bardin (1977, p. 27) afirma que:

A pesquisa qualitativa é aquela capaz de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas, tanto no seu advento quanto nas suas transformações, como construções humanas significativas.

Assim, o objetivo, com o uso da análise de conteúdo, foi produzir conhecimento baseado nos diferentes relatos coletados, considerando-se o contexto histórico e social, bem como a temporalidade referenciada em cada relato. Com isso, busca-se traçar, a partir de quadros<sup>3</sup> representativos, um panorama sobre as questões da formação e da profissão das mulheres, estudantes, professoras e historiadoras aqui envolvidas. O próximo capítulo trata do desenvolvimento desse universo criado por meio do uso da prosopografia, da história oral e da análise de conteúdo.

---

<sup>3</sup> Todos os quadros presentes nesta pesquisa foram elaborados por mim e alimentados com excertos que considere interessantes das entrevistas já transcritas. Esclareço que, por se tratar de entrevistas extensas e com conteúdo sensível e pessoal de cada uma das professoras, optei por não anexar ao trabalho as entrevistas integralmente, além de não as expor demasiadamente, também, evita possíveis usos indevidos ou descontextualizados de todo o material coletado.

### 3 MULHERES: ESTUDANTES, PROFESSORAS E HISTORIADORAS NA UCS

Estudante, na descrição do verbete do Dicionário da Língua Portuguesa, editado pela Maria Cecília Mendes de Almeida, pela FTD, em 2007, é quem estuda, quem busca aperfeiçoar seus conhecimentos numa área ou matéria específica, é o aprendiz. Para além desta definição, ser estudante é estar cada dia mais distante do não-saber, é somar conhecimentos e habilidades.

A partir da breve definição, a vivência estudantil das três mulheres foi muito semelhante em vários aspectos, mas diferente em muitos outros. Uma das coisas que mais me chamou atenção ao ouvir sobre as memórias dessa parte da vida das entrevistadas foi quando uma delas disse que concluiu a graduação aos 30 anos e já era mãe de dois filhos. Nesse sentido, destaco que a condição estudantil dessa mulher não pode ser comparada nem medida com a vivência de estudantes que não são mães. Essa informação também me fez refletir muito sobre o papel que nós, mulheres, executamos. Não desempenhamos apenas um papel social, possuímos vários. Além de ser estudante, trabalhadora, também é mãe, amiga, esposa, administradora do lar, enfim, caberiam aqui inúmeros adjetivos vinculados às mulheres. Há uma dupla jornada de trabalho, que é naturalizada cotidianamente, enquanto deveria ser problematizada, lançando novos olhares e comportamentos a respeito do gênero.

A partir dessa reflexão, reforço o nome dado ao título deste capítulo, “Mulheres: estudantes, professoras e historiadoras”, que representa as condições dessas mulheres e suas particularidades.

As entrevistadas, além de pertencerem à categoria estudantes, também compõem a categoria docente. Freire (1997) escreveu sobre o que difere uma tia de uma professora, retomo essa reflexão agora, pois, justamente uma das características que analisei na pesquisa é a profissão professora, em cada uma das entrevistadas. Sendo assim, a atuação de professoras difere das relações de parentesco tia-sobrinhos, caracterizando a “profissão” professora. Entretanto, numa tentativa de suavizar o potencial combativo das professoras, difundiu-se essa ideia de tornar a professora uma tia, porque, dessa forma, ela deixaria de lado a militância de professora, para executar uma relação amorosa-familiar para com os seus sobrinhos. A partir da análise dessa pesquisa, as três mulheres,

ainda que em momentos distintos, não apresentam na sua prática características de tias, e sim de professoras, militantes, profissionais.

Considerando essas questões iniciais, elaborei um questionário escrito, para que informassem dados pessoais, buscando compreender quem são essas mulheres. O questionário (Anexo I) foi entregue em julho de 2019, em 2 vias: uma impressa e uma *online*. O retorno dos questionários já respondidos aconteceu em agosto e setembro, sendo dois deles via *e-mail*. Um deles não foi exatamente respondido, a professora em questão me enviou via *e-mail* uma cópia dos seus títulos e a relação de cargos e disciplinas já ministrados na instituição. As questões de cunho pessoal dessa professora foram respondidas por mim a partir de pesquisa no Currículo Lattes e de perguntas diretas, realizadas no dia do encontro para a entrevista oral.

Para fins de organização dos dados coletados a partir das respostas dos questionários escritos, elaborei o quadro a seguir.

Quadro 1 – Dados pessoais

	E.R.	K.M.	L.I.
Local e data de nascimento	Caxias do Sul 14/03/1961	Caxias do Sul 20/07/1964	Caxias do Sul 23/10/1957
Educação Básica	Fundamental no Colégio Madre Imilda Médio na Escola Estadual Santa Catarina	Fundamental na Escola Estadual Leopolda Barnewitz (Porto Alegre) Médio no Colégio Vera Cruz (Porto Alegre)	Fundamental e Médio na Escola Estadual Cristóvão de Mendonza

Fonte: Souza, 2019.

Considerando os dados do Quadro 1, que são compostos por elementos escritos e mais objetivos, é possível concluir que as três professoras nasceram entre 1957 e 1964, tendo idades bem próximas. Para além disso, todas tiveram sua juventude e formação básica no mesmo período, entretanto, em instituições diferentes, sendo uma em Porto Alegre, parte em escola pública e parte em escola

particular, enquanto as outras estudaram em Caxias do Sul, sendo uma em escola particular por um tempo e pública no outro e a última entrevistada somente em escola pública.

Os quadros seguintes foram elaborados a partir dos dados coletados nas entrevistas orais, que foram realizadas todas no Instituto Memória Histórica e Cultural (IMHC) da UCS, na sala 211.

A escolha por realizar as entrevistas nesse local se deu primeiramente, porque está localizado no Bloco J da UCS, ou seja, o local de pesquisa e atuação das professoras, sendo todas entrevistadas no mesmo espaço, sem grandes problemas de deslocamento. Além disso, é um espaço importante para o curso de História, logo significativo para todas as envolvidas na pesquisa.

A primeira entrevista foi realizada com a professora Eliana Relá, no dia 02/09/2019, às 09 horas da manhã; a segunda, com a professora Luiza Lotti, ocorreu no dia 09/09/2019, às 13h30min; e a última, com a professora Katani Monteiro, no dia 09/09/2019, às 17 horas.

É importante considerar que, após as entrevistas orais, que foram devidamente gravadas em arquivos de áudio, foi realizada a transcrição de cada uma, conforme Alberti (2005). A partir das transcrições, foram selecionados os excertos considerados importantes para a análise dessa pesquisa, que estão divididos nos próximos quadros.

Quadro 2 – Motivações para estudar História

(continua)

E.R.	K.M.	L.I.
<p>“Então eu sou fruto da.. do curso de história ainda quando ele era diurno né... e olha que interessante, eu fiz vestibular para medicina na verdade por que meu sonho sempre foi fazer odontologia caxias não tinha odontologia... minha mãe viúva só disse assim ‘filha</p>	<p>“Eu nunca pensei, assim, eu não sou daquelas pessoas que tem uma ilusão biográfica que desde sempre, acho, né? tiveram a ideia: “ai, eu quero fazer história”, né? Eu pensei em fazer muitas coisas, mas sempre na área das humanidades, né? Eu circulava entre a</p>	<p>“Bom, na verdade, eu tinha duas certezas quando eu era adolescente, uma que eu não queria ser professora e a outra que eu não queria ser médica, né? Eram as duas certezas que eu tinha na minha vida, de adolescente.” “Eu queria arquitetura, meu sonho era ser arquiteta ou</p>

(continuação)

<p>minha não sai de casa pra estudar' né..."</p> <p>"isso no início dos anos 80... aí me resignei e fiz vestibular pra medicina... pra medicina... fiquei super bem classificada mas assim faltou um pouquinho... uma média setecentos e alguma coisa mas faltou assim... pouquinho pra entrar e aí pra eu não ficar parada... eu disse ah vou ver o que sobrou de vaga né... e vou fazer... ãh um semestre pelo menos assim pra não ficar parada... e aí eu fiz algumas cadeiras do básico pra artes e depois eu fiz algumas cadeiras pra história... e na época eu fiz, eu lembro que eu fiz EPB com o professor De Boni, me encantei... me encantei... eu disse 'aí eu acho que é aqui que vou ficar'..."</p>	<p>comunicação, entre a filosofia, história, letras, tudo isso me interessava, ã..."</p> <p>"Aí fiz o magistério, e a ideia de docência, essa experiência docente ela foi muito marcante, o magistério foi uma grande descoberta pra mim, eu me encontrei muito, assim, naquele processo todo e eu não conseguia me imaginar muito não sendo professora, embora eu tivesse a comunicação ali no meio, também pensava em fazer jornalismo e tal"</p> <p>"tinha essas dúvidas, assim, do quê fazer, uma coisa que me... ã... que me influenciou bastante, a minha escolha pela história, foram as minhas amigades, os meus amigos, a maioria fazia história, mas tinha muitos da filosofia, todo mundo era da área da filosofia, da história ou da comunicação, e esse universo todo me... ã... me mobilizou, assim... e eu acabei optando pela história, mas sem, assim... "ah, história é tudo o que eu quero fazer na vida"."</p>	<p>jornalista, né? E na época a gente ia ver o listão na frente da TV Caxias, eu vi meu nome no listão, mas não vi no que que eu tinha passado... Ah, comemorei, tomei chopp, fiz festa, e depois eu disse: "ah, vou lá olhar no que que eu passei", né? Por que meu sonho era sair de casa porque eu tinha um pai que era muito machista, muito conservador, então na verdade nem era arquitetura que eu queria. Eu queria era sair de casa e morar em Porto Alegre, me ver livre do meu pai..."</p> <p>"Então, aí eu fui olhar no que que eu tinha passado e eu olhei e tinha passado em história, na UCS. Eu sentei, é uma cena inesquecível, eu sentei no cordão da calçada e chorei tanto, tanto, tanto, tanto, né? Aí fui pra casa, veio todo mundo me abraçar, me beijar, eu mandei todo mundo... sabe? Eu sempre fui muito mal educada, mandei todo mundo pro quinto dos infernos, e aí minha mãe me convenceu, né? Ela disse: "ai, vai lá, faz a matrícula, fica um semestre, quem sabe tu gosta", né? E aí eu vim, fiz a matrícula, fiz um semestre e conheci a Loraine Slomp, né? Aí, quando eu tive aula</p>
--	--	--

(conclusão)

		com a Loraine, eu disse: “ah, não...”, né? “...vou ter que aguentar meu pai, vou ter que morar em Caxias, mas, é... me achei, me achei... é isso que eu quero”, né?”
--	--	--

Fonte: Souza, 2019.

É possível identificar, nas três narrativas, que as motivações para o ingresso no curso de História não foram primárias. Todas tinham interesses em outras áreas, duas delas inclusive prestaram vestibular para Medicina e para Arquitetura. Ficou evidente que os caminhos percorridos que levaram ao curso de História não foram definitivamente os desejos iniciais de cada uma delas. Entretanto, quando já na condição de estudantes, em contato com a História e compreendendo melhor o papel das historiadoras, todas ficaram “encantadas” pela licenciatura em História.

Mesmo que o estudo da História não tenha sido a primeira escolha, todas estavam movidas por um desejo de conhecimento e independência, como maneira a se afastar das amarras sociais que o gênero havia imposto. Uma das entrevistadas inclusive afirmou que um dos fatores que a levou a prestar o vestibular foi justamente ter um motivo para sair de casa, do controle dos pais e irmãos.

Scott (1989) afirmou que, a partir da metade do século XX, houve um movimento intelectual como resultado dos movimentos sociais feministas, que começou a enxergar o gênero como categoria de análise. Nesse sentido, os movimentos por independência e autonomia dessas três mulheres, não foram casos isolados, mas sim sintomas das transformações sociais que estavam acontecendo na época.

Nesse sentido, Scott (1989) afirmou que:

No espaço aberto por esse debate, do lado da crítica da ciência desenvolvida pelas ciências humanas e da crítica do empiricismo e do humanismo que desenvolvem os pós-estruturalistas, as feministas não só começaram a encontrar uma via teórica própria, como elas também encontraram aliados cientistas e políticos. (SCOTT, 1989, p. 20).



Quadro 3 – Influências externas e contexto histórico

E.R.	K.M.	L.I.
<p>“era uma outra geração de professores... sabe saindo de uma condição do positivismo pra uma condição... ãh de materialismo e marxismo... e eu peguei ditadura... minha formação foi toda ela dentro do período da ditadura militar...vários professores eram combativos... eram extremamente críticos né...”</p>	<p>“Tem o contexto que eu vivia, né? Nisso era a década de 80, então a gente tava vivendo toda a reabertura, todo aquele movimento, e a história me parecia assim, que me dava respostas e que me dava um desejo de querer saber mais, né? Aí eu ingressei no curso de história em 88, na PUC em Porto Alegre”</p>	<p>“Por que era no período da ditadura e a minha turma era uma turma que frequentava o Juvenil, a gente era um bando de alienadas, né? ã... passava a tarde no Juvenil jogando carta”</p>

Fonte: Souza, 2019

Podemos considerar o momento conhecido pela historiografia como regime civil militar, entre 1964 e 1985, e o momento seguinte, a partir dos anos 1980, de reabertura política, como pano de fundo das vivências estudantis das três entrevistadas. Como ficou evidente, todas mencionaram o contexto histórico do País como fator de influência para o seu ingresso e/ou permanência no curso de História.

É importante considerar que, no contexto histórico do regime civil militar, o País passava por dificuldades originadas por problemas econômicos, ainda que houvesse a sensação de estabilidade financeira com o aumento do Produto Interno Bruto (PIB), nos primeiros anos da ditadura. Schwarcz (2015) explica que

Embora o PIB tenha se multiplicado com o “milagre econômico” implementado pela mão de ferro dos militares e seus burocratas, e apesar da milionária propaganda ufanista, as desigualdades sociais se acirraram num país repartido entre regiões avançadas e regiões muitíssimo atrasadas onde havia fome, miséria absoluta, baixa expectativa de vida e alta taxa de mortalidade infantil. (SCHWARCZ, 2015, p.106).

Para elucidar, a autora explica o que foi o chamado “milagre econômico”:

A performance de crescimento seria indiscutível, porém, o milagre tinha explicação terrena. Misturava, com a repressão aos opositores, a censura aos jornais e demais meios comunicação, de modo a impedir a veiculação de crítica à política econômica, e acrescentava os ingredientes da pauta dessa política: subsídio governamental e diversificação das exportações, desnacionalização da economia com a entrada crescente de empresas estrangeiras no mercado, controle do reajuste de preços e fixação centralizada dos reajustes de salários. (SCHWARCZ, 2015, p. 452).

Sendo essa a situação do País nos primeiros momentos após o golpe de 1º de abril de 1964, em 1968, ficou ainda mais intenso o clima com o Ato Institucional n.º 5, que culminou no fechamento, por tempo indeterminado, do Congresso Nacional. Nesse momento, as greves dos trabalhadores em fábricas reclamando pelo congelamento dos salários, as manifestações do movimento estudantil contrário ao golpe, as movimentações das lideranças políticas e até organizações armadas de grupos da esquerda revolucionária estavam se expandindo rapidamente, e o AI-5 veio justamente para atingir essas manifestações. Schwarcz (2015) afirma que

O AI-5 suspendia a concessão de habeas corpus e as franquias constitucionais de liberdade de expressão e reunião, permitia demissões sumárias, cassações de mandatos e de direitos de cidadania, e determinava que o julgamento de crimes políticos fosse realizado por tribunais militares, sem direito a recurso. (SCHWARCZ, 2015, p. 455).

Portanto, o Brasil estava passando por questões sociais, políticas e econômicas urgentes. Ao mesmo tempo nos outros países, em uma tendência mundial, os movimentos feministas estavam crescentes em todo o mundo, na chamada “Segunda Onda”, depois da Segunda Guerra Mundial. Essas movimentações tiveram influência significativa para a participação feminina em movimentos de resistência à ditadura no Brasil.

Cristina Scheibe Wolff, no livro *Nova História das Mulheres no Brasil*, de 2012, afirma que os movimentos feministas no País ganharam força a partir da década de 1960, com as lutas pela garantia de acesso das mulheres às universidades, que tinham majoritariamente homens como estudantes e professores, às profissões que eram tradicionalmente masculinas, além de lutarem por igualdade salarial e participação política. A autora explica que

os avanços no feminismo, no Brasil e no mundo, e as conquistas políticas das mulheres em vários países contribuíram para que muitas brasileiras optassem por se engajar em organizações de resistência ao regime ditatorial no país, inclusive em movimentos que pregavam a luta armada. (WOLFF, 2012, p. 440).

Ainda que as mulheres tenham conseguido ampliar o acesso às universidades e aos cargos e espaços antes ocupados por homens, não significa que tenham se esgotado às lutas por equidade de gênero. Inclusive, as mulheres que participaram de grupos revolucionários, não estavam em pé de igualdade com os seus companheiros de luta. Nesse sentido, a autora afirma que “não era fácil para as mulheres serem tratadas como iguais, mesmo nas organizações que propunham um ‘mundo novo’ e um ‘novo homem’. A discriminação de gênero podia vigorar até em movimentos ditos revolucionários.” (WOLFF, 2012, p. 441).

A partir dessa reflexão sobre o contexto, pode concluir que as motivações as quais levaram as entrevistadas a mencionar o contexto histórico da ditadura estão relacionadas ao clima revolucionário vivido por elas enquanto jovens, estudantes e, especialmente, enquanto mulheres, nesse momento em que o feminismo aumentava exponencialmente sua força. Concomitantemente, o País passava por situações de censura e repressão sem medidas, intensificando o sentimento de necessidade de transformações sociais.

#### Quadro 4 – Formação

(continua)

	E.R.	K.M.	L.I.
Formação inicial	Licenciatura Plena em História pela Universidade de Caxias do Sul (1988)	Licenciatura em História pela Universidade de Caxias do Sul (1997)	Licenciatura Curta em Estudos Sociais pela Universidade de Caxias do Sul (1977)  Licenciatura Plena em História pela Universidade de Caxias do Sul (1978)
Formação contínua	Mestrado em História pela PUCRS (1995)	Mestrado em História pela PUCRS (2001)	Mestrado em História pela PUCRS (1996)

(conclusão)

	Doutorado em Informática da Educação pela UFRGS (2010)	Doutorado em História pela UFRGS (2011)	Doutorado em História pela PUCRS (2003)
--	--	---	---

Fonte: Souza, 2019.

No Quadro 4, observa-se a confirmação de que todas as professoras estudaram História na Universidade de Caxias do Sul, em momentos distintos, mas não distantes. É importante mencionar que duas das entrevistadas foram alunas da outra entrevistada e que, embora isso seja importante, não faz parte da análise deste estudo.

Além disso, os mestrados de cada uma delas são em História, confirmando a identificação delas com a área e com a docência, visto que, para lecionar no ensino superior, o mestrado é um diferencial. Também, os doutorados, exceto para uma delas que o fez na área de Tecnologias e Educação, foram em História.

Os mestrados e doutorados foram no início do século XXI, período marcado pela globalização e surgimento de novas tendências na sociedade e, conseqüentemente, na educação. Isso justifica as escolhas pelas áreas e temáticas dos projetos, que, no caso, constituem-se dentro dessas novas tendências.

#### Quadro 5 – Motivação para continuar estudando na área da História

(continua)

E.R.	K.M.	L.I.
“me formei, um semestre depois aí a professora Eunice me estimulou muito a fazer o mestrado, daí em 1992 eu fui pra PUCRS, aí fui aprovada em um dos primeiros lugares, que daí consegui a bolsa integral, daí eu recebia uma verba mensal	“Em muitos momentos eu ficava em dúvida: “aí, continuo história? faço jornalismo?” mas não, mantive história, foi muito importante, foi muito interessante, eu gostei do que fiz, fiz várias amizades, ã...”	“Aí quando eu acabei o curso eu fui fazer especialização em história da América Latina.” “Aí que eu fui ver, eu disse: “meu deus, agora que eu to entendendo o que que é história, que existe teoria da história...”, né? “...agora eu

(conclusão)

<p>né...”</p> <p>“aí eu comecei em 1992 na área de América e não gostei aí depois em 1993 fui pra área de Brasil aí eu gostei fiquei e terminei em 1995 [pausa] aí depois da conclusão do mestrado continuei trabalhando no PROESU<sup>4</sup> mas concomitante a isso eu abri minha empresa de consultoria em memoriais...”</p>	<p>“Daí eu pensei: “Não, eu vou continuar na história, eu vou fazer mestrado”, né? Por que eu tinha uma ideia, eu também pensava nisso, sabe? “Aí, um dia eu quero ser professora universitária”, isso me chamava muita atenção, assim, eu queria muito isso, né? Aí eu tinha que fazer mestrado, eu tinha amigas que estavam no mestrado em outras áreas, e também na história, e foi um verão que a gente ficou juntas e ficamos falando, uma já tava terminando o mestrado e ficou aquela coisa: “vai fazer mestrado, vai”. Daí eu disse: vou fazer mestrado, então, né? Vou continuar na história, vamos que o que que dá.”</p>	<p>sei o que que é a história”. Mas naquela época ninguém incentivava a gente a fazer mestrado, a fazer doutorado, era uma coisa que não existia.”</p>
--	---	--

Fonte: Souza, 2019.

No Quadro 5, fica evidente que a motivação para realização do mestrado foi uma ferramenta para o entendimento do próprio curso, uma vez que, devido às necessidades e políticas educacionais de cada época, os professores atuavam em várias disciplinas, desde o Núcleo Comum até as específicas do curso de História. As disciplinas em comum, que eram ofertadas para todos os cursos da Instituição, representaram a porta de entrada para essas professoras como profissionais de educação na Instituição. A partir dos anos 2000, as professoras entrevistadas, também em função das exigências do Ministério da Educação, passaram a atuar em áreas específicas, condizentes com a área de seus mestrados e doutorados.

<sup>4</sup> PROESU: Programa de Educação Supletiva. Foi uma iniciativa da UCS, em decorrência da legislação educacional do País à época. Seu objetivo era promover a formação continuada de professores que não possuíam titulação superior ou magistério e atuavam em escolas rurais ou localizadas no interior.

Nesse sentido, deve-se considerar também o fato de que, nos anos 2000, houve acréscimo no número de alunos nas Instituições de Ensino Superior (IESs) graças às políticas públicas do período. Isso acabou reverberando na atuação profissional, favorecendo inclusive a dedicação às pesquisas relacionadas às disciplinas ministradas.

Quadro 6 – Profissão professora

(continua)

E. R.	K. M.	L. I.
<p>“O PROSESU tava sendo fechado e a minha empresa tava indo super bem... trabalhando com a Marcopolo, fazendo consultoria pra Marcopolo... aí no município eu entrei em licença, daí aqui na UCS... eu entrei em licença por que, meu deus... financeiramente compensava muito muito trabalhar com minha empresa... muito... e acabei ficando eu acho que três ou quatro anos de licença aqui da Instituição até que saiu o concurso, aí eu disse “bom agora vou fazer o concurso e fazer pra história mesmo que é minha formação” aí eu voltei então em março de 2001 e a Luiza me chama... aí começo a trabalhar efetivamente lá nas disciplinas da História...”</p> <p>“foi aí que comecei a fazer uma trajetória efetivamente dentro do curso, mas</p>	<p>“Em fevereiro de 2002, eu recebi um telefonema da Luiza, da professora Luiza lotti, porque tinha uma professora que tinha entrado em licença, né? Professora Ivoní. E a Luiza perguntou se eu gostaria de substituí-la, se eu queria trabalhar na UCS, se eu queria dar aula de história, e eu pensei: “meu deus”, né? ã... foi muito rápido e era uma época que não tinha muitos mestres em história.”</p> <p>“e entrei na UCS, dessa maneira, para substituir uma professora em duas disciplinas e em uma semana eu estava com sete disciplinas, que eram disciplinas de realidade brasileira, que hoje seria essa sociedade, cultura e cidadania, essa que a gente trabalha com formação geral.”</p> <p>“E aí, tudo aconteceu. Foi um</p>	<p>“E a própria Loraine dizia: “Tu não serve pra isso, vai dar aula”, né? E aí, eu fui dar aula. Comecei a dar aula em Galópolis”</p> <p>“E depois eu fiz o concurso do município, passei, fui trabalhar no Museu Municipal, e fui ser diretora do Fátima Baixa”</p> <p>“Aí me chamaram para dar aula na UCS, eu achei, disse: “magina... eu não tenho condições, né? não, não estudei pra isso, não tenho mestrado, nada”. E chamaram eu e uma outra professora. E é pra turma que era da Eliana Rela, né? E a outra professora não deu certo, os alunos mandaram ela embora, e eu fiquei... os alunos gostaram de mim e eu fiquei. Eu trabalhava história moderna. E aí estudei que nem uma louca. Preparei aulas super interessantes. Depois trabalhei também</p>

<p>também sempre voltada pras disciplinas de ensino, justamente por essa trajetória que eu já tinha feito antes ali com o PROSESU”</p> <p>“então foi muito engraçado essa coisa da passagem assim de estudante pra... porque eu nem bem tinha me formado e já tinha começado... então contando um pouquinho dessa constituição docente no ensino superior foi muito difícil... foi muito duro por que a gente vinha numa época que os professores não abriam... te vira... né então assim era muito ir atrás, buscar o que que me ajudou... porque, como foi concomitante, depois a questão da docência na prefeitura, aí na prefeitura a gente sempre teve muita formação continuada, Caroline...”</p>	<p>processo muito interessante, eu me senti bem, eu queria isso, não esperava que fosse tão rápido que fosse acontecer meu ingresso na vida acadêmica, né? Foi muito rápido. E a partir daí, já no início, isso foi 2002, então, quando eu entrei no curso, na UCS, entrei com essas disciplinas básicas, mas, já no próximo semestre, eu assumi turmas de estágio, eu trabalhei com introdução ao estudo de história, né?”</p>	<p>história contemporânea, a questão das revoluções burguesas, tentei pegar mais pelo lado historiografia, né?”</p> <p>“Então tinha essa turma da Rela. Aí me convidaram para dar aula em um supletivo de magistério que tinha aqui na UCS, aí eu trabalhava bastante isso, a leitura da realidade, né? Que foi bem interessante”</p>
---	---	---

Fonte: Souza, 2019

O início das trajetórias profissionais de cada uma delas teve algumas particularidades, como, para uma delas que, antes mesmo de estar graduada, já atuava, dentro da Universidade de Caxias do Sul, na área de formação docente, e só ingressou como professora do curso de História por meio de concurso, em 2001. Outra, após a conclusão da graduação, imediatamente ingressou como professora do ensino básico, tornando-se professora da UCS somente em 1986, por indicação ao cargo, realizando concurso somente depois, nos anos 2000. Uma delas, sendo bolsista no mestrado, ingressou na Universidade de Caxias do Sul como professora logo após a conclusão do curso, a partir de indicação, em 2002.

É importante esclarecer que o ingresso na Universidade de Caxias do Sul foi modificando conforme as leis nacionais referentes aos professores do ensino superior, por isso as divergências entre ingresso por concursos ou por indicações.

Quadro 7 – Informações profissionais

	E. R.	K. M.	L .I.
Anos de serviço	1985-atualmente	2002-atualmente	1978-atualmente
Anos na Instituição	1985-atualmente	2002-atualmente	1986-atualmente
Outras atuações na instituição	<p>Coordenadora do Programa de Formação para Professores do Ensino Superior;            Coordenadora do NAEH;            Membro da comissão de implantação do Núcleo de Educação a Distância da UCS;            Autora de material didático para cursos na modalidade EaD;            Coordenadora do CEDOC;            Representante da UCS no COMPAC/Caxias do Sul;            Membro da Comissão organizadora dos 50 da UCS.</p>	<p>Coordenadora do Curso de História (Caxias e Vacaria);            Coordenadora do NAEH;            Coordenadora dos Estágios em História;            Coordenadora do PIBID - História;            Coordenadora do CMRJU – IMHC;            Editora da Revista Métis História e Cultura.</p>	<p>Chefe do Departamento de História e Geografia (1999-2005);            Coordenadora do Curso de História (1990-1992/1993-1996/2001-2005);            Diretora do Instituto Memória Histórica e Cultural da Universidade de Caxias do Sul;            Editora da revista Métis.</p>

Fonte: Souza, 2019.

É possível perceber que duas ingressaram como professoras na Universidade nos anos 1980. Também, é possível identificar que, além de



ministrarem disciplinas básicas e específicas no curso de História, desempenharam funções em outros cargos da Instituição. Duas professoras já foram Coordenadoras do Núcleo de Apoio ao Estudante de História (NAEH), outras duas foram editoras da Revista Métis e coordenadoras do curso de História.

Ainda no Quadro 6, podemos verificar a atuação além do campo da História de uma das professoras, que também se dedicou a outras áreas dentro da Instituição, como a coordenação do Programa de Formação para Professores do Ensino Superior e produção de material didático para cursos na modalidade EaD.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão proposta inicialmente por esta pesquisa, relacionada à temática de gênero, foi respondida de maneira a confirmar os escritos de Scott, principalmente sobre a necessidade de refletir e problematizar aspectos voltados às mulheres na sociedade atual, por meio das análises feitas. Assim, confirmou-se que todas desempenham mais de uma atividade, configurando a dupla jornada de trabalho, ou seja, ocorre a permanência dessa situação ainda no século XXI, mesmo se tratando de mulheres que atuam no ensino superior e que possuem renda relativamente estável. Isso acaba por desconstruir a ideia vigente de que apenas mulheres economicamente desfavorecidas e socialmente “invisíveis” realizam dupla jornada.

Outro ponto a considerar, a partir do desenvolvimento desta pesquisa, é o entendimento possibilitado sobre as professoras, o curso de História e o contexto da UCS em Caxias do Sul, desde a década de 1970 até a atualidade. Ainda, considera-se que as questões iniciais do trabalho (quais são as características comuns na formação e constituição das professoras escolhidas, bem como quais são os elementos que distinguem sua formação e atuação docente, tendo em vista o espaço em comum e o tempo simultâneo) foram sanadas pela análise de conteúdo das entrevistas, representadas visualmente nos quadros.

É válido acrescentar que os processos das entrevistas orais possibilitaram, para além do entendimento linear, o entendimento sobre o funcionamento do curso em diferentes momentos, com informações sobre professores que já passaram por ele, a convivência dos estudantes, bem como as relações de cada uma das entrevistadas com a Instituição e com o curso. Surpreendi-me positivamente com a oportunidade de escutar as professoras e a sua disponibilidade em falar e compartilhar comigo memórias pessoais. Durante as entrevistas, enquanto ouvinte e observadora, consegui sentir um pouco das emoções que vivenciaram, reafirmando as observações feitas por Alberti a respeito da metodologia empregada na história oral.

A elaboração desta pesquisa, para além dos objetivos formalizados, reafirmou meu desejo em ser professora e historiadora, porque o trabalho de pensar e elaborar as entrevistas orais foi muito interessante, fazendo-me refletir sobre como as memórias das pessoas são importantes para a História. Ao mesmo

tempo, pensei sobre como é delicado manusear essas memórias, conduzir as entrevistas de modo a dar espaço para a fala fluir e ainda exercer a escuta ativa.

Todo o processo me levou a reflexões muito especiais sobre a profissão de historiadora e de professora e sobre questões da natureza humana. Além disso, pude entender que, embora em tempos diferentes, a História e o seu ensino, exercem uma função questionadora perante a sociedade, característica com a qual me identifico e observei na fala das entrevistadas ao mencionarem sua prática enquanto professoras e pesquisadoras.

É importante considerar que, pela questão temporal, visto que este é um trabalho de conclusão de curso, e o tempo para realização da pesquisa e escrita é relativamente curto, houve muitas questões que não foram levadas em conta, já que não poderiam ser aprofundadas de maneira satisfatória. Porém, isso deixa espaço para que outras pesquisas possam derivar deste primeiro experimento.

Em tempo, o presente estudo não teve a pretensão de esgotar a temática proposta ou, ainda, as questões teóricas de gênero e prosopografia aliados à história oral, mas reconhecer e abrir novas possibilidades de pesquisa, uma vez que a inserção no tempo e no espaço, a partir das metodologias e do aparato teórico, confirmou a importância da pesquisa na ciência histórica, incentivando mais leituras sobre gênero, docência e prosopografia.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena M. B. **História e Histórias de Vida:** destacados educadores fazem a história da educação no RS. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral?**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; BACELLAR, Carlos de Almeida Prado. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- ALMEIDA, Carla Beatriz. **A prosopografia ou biografia coletiva:** limites, desafios e possibilidades. São Paulo: ANPUH, 2011.
- AMARAL, Sandra Maria do. **O teatro do poder:** as elites políticas no Rio Grande do Sul na vigência do Estado Novo. 2006. 348 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. *In*: SADER, Emir; GENTILI, Pablo (org.). **Pós-neoliberalismo:** as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 09-23.
- ARNS, Paulo Evaristo. **Brasil:** nunca mais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- BARDIN, Laurence: **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. 187-217 p.
- DELGADO, Lucilia de Almeida. **História Oral:** memória, tempo e identidades. São Paulo: Autêntica, 2016.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água, 1997.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Sinopses Estatísticas da Educação Básica**. Brasília: INEP, 2016.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Sinopses Estatísticas da Educação Superior – Graduação**. Brasília: INEP, 2017.
- MONTEIRO, Lorena Madruga. **Prosopografia de grupos sociais, políticos situados historicamente:** método ou técnica de pesquisa? Pelotas: Pensamento Plural, 2014.

PADRÓS, Enrique Serra (org.) *et al.* **Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985): história e memória.** 3. ed. Porto Alegre: Corag, 2009, v. 2, 302 p.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2012.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica.** Nova Iorque: Columbia University Press, 1989.

STONE, Lawrence. Prosopografia. **Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, jun. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782011000200009&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782011000200009&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 1º jun. 2019.

**ANEXO A – QUESTIONÁRIO ESCRITO****Área do Conhecimento de Humanidades****Curso: Licenciatura em História****Disciplina: TCC I****Docente: Eliana Xerri****Discente: Caroline Capellini Souza (ccsouza4@ucs.br)**

O presente questionário compõe o Projeto de Pesquisa “Um estudo prosopográfico: as mulheres na docência do curso de História da Universidade de Caxias do Sul” para a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, o qual versa sobre a trajetória de professoras, que também foram alunas do curso de História da Universidade de Caxias do Sul. Para tanto solicito sua colaboração, pois a mesma é fundamental para significar e dar prosseguimento ao trabalho. Muito obrigada!

**Dados pessoais**

Nome:

Local e data de nascimento:

Endereço:

Telefone:

E-mail:

**Questões**

1) Onde você estudou a educação básica?

2) Graduou-se em qual instituição?

3) Seu mestrado é de qual área? E onde cursou?

4) Seu doutorado é de qual área? E onde cursou?

5) Desde quando atua como professora de História?

6) Desde quando é professora na UCS e quais as disciplinas que já trabalhou e que trabalha atualmente?

7) Além do cargo de professora, quais outras atividades desenvolveu e desenvolve na instituição?

**ANEXO B – QUESTÕES NORTEADORAS PARA AS ENTREVISTAS  
PRESENCIAIS**

Roteiro para entrevista oral:

Nome da entrevistada:

Local:

Data e hora:

1) Gostaria de conhecer como é constituir-se docente para você. Nesse sentido é importante observar:

a) As suas motivações e dificuldades encontradas ao ingressar no curso de História, tanto como estudante e como professora.

b) As perspectivas que se mantiveram e se alteraram, quanto à docência em História, desde sua experiência como estudante.

c) A sensação e os desafios ao tornar-se professora no curso de História na UCS, e retornar à instituição como docente?



**ANEXO C – TERMOS DE CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM E VOZ  
ASSINADOS**



Área do Conhecimento de Humanidades

Curso: Licenciatura em História

Disciplina: TCC II

Orientadora: Eliana Xerri ([egxerri@ucs.br](mailto:egxerri@ucs.br))

Estudante: Caroline Capellini Souza ([ccsouza4@ucs.br](mailto:ccsouza4@ucs.br))

**TERMO DE CONSENTIMENTO DE UTILIZAÇÃO DE IMAGEM/VOZ**

Eu, Eliana Xerri  
portadora do RG 5037491092, AUTORIZO o uso de minha imagem  
(em foto ou vídeo) e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela estudante  
Caroline Capellini Souza, RG 9113809975, graduanda do Curso de História da  
Universidade de Caxias do Sul (UCS), destinados à divulgação de suas produções de  
pesquisa, para apresentação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II sobre o  
tema "Um estudo prosopográfico: as mulheres na docência do curso de História da  
Universidade de Caxias do Sul". Esta autorização é concedida por mim gratuitamente,  
podendo abranger tanto divulgações em todo território nacional como no exterior, em todos  
os formatos de mídia disponíveis, por tempo indeterminado.

Assinatura: Eliana Xerri

Nome completo: Eliana Xerri

Caxias do Sul, 02 de setembro de 2019.



Área do Conhecimento de Humanidades

Curso: Licenciatura em História

Disciplina: TCC II

Orientadora: Eliana Xerri ([egxerri@ucs.br](mailto:egxerri@ucs.br))

Estudante: Caroline Capellini Souza ([ccsouza4@ucs.br](mailto:ccsouza4@ucs.br))

#### TERMO DE CONSENTIMENTO DE UTILIZAÇÃO DE IMAGEM/VOZ

Eu, Katani Maria Nascimento Monteiro,  
portadora do RG \_\_\_\_\_, AUTORIZO o uso de minha imagem  
(em foto ou vídeo) e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela estudante  
Caroline Capellini Souza, RG 9113809975, graduanda do Curso de História da  
Universidade de Caxias do Sul (UCS), destinados à divulgação de suas produções de  
pesquisa, para apresentação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II sobre o  
tema "Um estudo prosopográfico: as mulheres na docência do curso de História da  
Universidade de Caxias do Sul". Esta autorização é concedida por mim gratuitamente,  
podendo abranger tanto divulgações em todo território nacional como no exterior, em todos  
os formatos de mídia disponíveis, por tempo indeterminado.

Assinatura: Katani Nascimento Monteiro

Nome completo:

Caxias do Sul, 09 de Setembro de 2019.



Área do Conhecimento de Humanidades

Curso: Licenciatura em História

Disciplina: TCC II

Orientadora: Eliana Xerri (egxerri@ucs.br)

Estudante: Caroline Capellini Souza (ccsouza4@ucs.br)

TERMO DE CONSENTIMENTO DE UTILIZAÇÃO DE IMAGEM/VOZ

Eu, Olívia Horn Totti,  
portadora do RG 7000545728, AUTORIZO o uso de minha imagem  
(em foto ou vídeo) e voz em todo e qualquer material a ser utilizado pela estudante  
Caroline Capellini Souza, RG 9113809975, graduanda do Curso de História da  
Universidade de Caxias do Sul (UCS), destinados à divulgação de suas produções de  
pesquisa, para apresentação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II sobre o  
tema "Um estudo prosopográfico: as mulheres na docência do curso de História da  
Universidade de Caxias do Sul". Esta autorização é concedida por mim gratuitamente,  
podendo abranger tanto divulgações em todo território nacional como no exterior, em todos  
os formatos de mídia disponíveis, por tempo indeterminado.

Assinatura:

Nome completo:

Olívia Horn Totti

Caxias do Sul, 09 de setembro de 2019.